

ENTREVISTA – PROF. DR ELIO CARLOS RICARDO¹

Livre-docente de Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação da USP. Entrevista concedida à TV SENAI/SC por ocasião de Formação continuada, no âmbito do Programa Educação em Movimento.

“A RIGOR, A IDEIA DAS COMPETÊNCIAS DEVERIA PROMOVER NO ALUNO A AMPLIAÇÃO DAS SUAS NECESSIDADES INTELECTUAIS.”

Qual o seu conceito para o termo competência? Você pode nos fornecer alguns exemplos?

Elio Ricardo: A ideia de competências já é antiga no campo educacional, mas ela foi mudando de significado ao longo do tempo e as ideias mais recentes que nós temos de competências é que elas sempre estão associadas à mobilização de recursos cognitivos. Esses recursos cognitivos não são necessariamente saberes específicos, informações técnicas, são também agregação de valores a um conhecimento técnico-científico ou a um conhecimento específico; então nessa associação de competências à mobilização de recursos cognitivos está implícita a ideia de que os alunos mobilizem esses recursos em contextos diferentes e situações posteriores a sua formação, em contextos diferentes daqueles que originaram a aprendizagem.

De onde vem essa ideia de competência na educação?

Elio Ricardo: A origem é bastante antiga, na década de 1930 já se falava disso. No Brasil, todavia, é bem mais recente a ideia de competências na educação geral. Os documentos oficiais do Ministério da Educação que foram elaborados logo após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 é que trazem explicitamente a orientação curricular a partir da ideia de uma educação por competências.

A UNESCO e outros organismos internacionais apontaram para a necessidade de mudanças no cenário da educação como um todo. Como essas orientações devem ser recebidas? Devemos tomá-las na íntegra ou adaptar para a nossa realidade?

Elio Ricardo: A UNESCO se preocupa com muitas coisas no campo educacional e o Brasil sempre está atento a essas orientações; até porque junto com essas orientações há a presença de possibilidades de financiamentos para projetos educacionais, especialmente nos países chamados “em desenvolvimento”, como é o caso do Brasil. Por outro lado, os documentos da UNESCO são documentos extremamente gerais, genéricos, tratam

¹Pós Dr, e-mail: elioricardo@usp.br

das premissas básicas do que eles entendem por uma educação mundial. Claro que há diferenças grandes nos sistemas de ensino e aí então a partir dessas orientações gerais, se a intenção é assumi-las como orientações também locais, haverá necessidade evidentemente de uma adequação, de uma compreensão dentro do nosso contexto específico. Não podemos esquecer as dimensões continentais do Brasil, o que resulta em grandes diferenças de regiões.

Quais competências deveriam ser adquiridas ao término da escola, independente da formação profissional?

Elio Ricardo: Quando a ideia de uma formação por competências apareceu nos documentos oficiais, no Ministério da Educação, a ideia era colocar a escola em questionamento; era fazer com que os alunos se sentissem contemplados na formação que recebem em relação às necessidades que eles esperam ou supõem encontrar na vida futura. Então, **a ideia de competências aparece para tentar aproximar a escola das necessidades sociais.** E isso não é muito simples de se fazer, porque aí pode entrar em conflito os projetos pessoais e projetos coletivos, mas algumas competências numa formação geral podem ser identificadas. Quando nós pegamos as áreas exatas, por exemplo, as ciências, ou as ciências e as tecnologias, uma competência fundamental é de agir na abstração, é a capacidade de trabalhar com a mobilização, com a abstração de conceitos, de termos, de modelos técnico-científicos. Outra competência fundamental é a gestão dos conhecimentos. Em outras palavras, como é que os alunos gerenciariam aqueles conhecimentos que adquiriram na escola? Uma coisa é obter um conjunto de informações nas mais variadas áreas e não saber exatamente o que fazer com aquilo. Outra coisa é ter uma capacidade de gerenciar esses conhecimentos e aí sim dar prosseguimento aos seus projetos pessoais, aos projetos coletivos, buscar novas formações enfim, tomar decisões na vida pessoal e que essas competências poderiam ajudar.

Um exemplo do que é preciso fazer para atingir tais competências, o que é necessário?

Elio Ricardo: Uma educação que se apoia nessa ideia de competências, não deveria ou não seria viável a separação entre conteúdos e metodologias, porque no caso de uma formação por competências eventualmente uma metodologia, uma estratégia didática pode ser também um conteúdo a ser ensinado e, nesse caso, se eu dissocio conteúdos de aspectos metodológicos, eu corro o risco de oferecer aos alunos um conjunto de informações e eu não tenho garantias que ele vai reunir tudo isso no final de uma formação. **Já, se eu faço sempre a associação entre conteúdos e metodologias, essas metodologias terão de ter a característica de promover no aluno necessidades intelectuais, fazer com que ao mesmo tempo ele busque a aprendizagem de alguma coisa, que sinta a necessidade de avançar.** A rigor, a ideia das competências deveria promover no aluno a ampliação das suas necessidades intelectuais.

Nesse contexto, quais são as mudanças no papel do professor? O que o professor deve fazer para modificar sua prática?

Elio Ricardo: Depois de entendido a ideia de competências como concepção educacional, que não se trata meramente de uma palavra nova para designar coisas antigas, há que se inverter um pouco o sentido das escolhas que se faz na escola ou em qualquer formação. Frequentemente se elegiam alguns conteúdos a ensinar e esses conteúdos eram ensinados sob as mais variadas alternativas metodológicas e havia uma expectativa de aprendizagem e depois dessa expectativa de aprendizagem uma formação futura. O aluno, então, após ter concluído um determinado curso, estaria de posse de alguns conteúdos e faria a junção de tudo isso. **Numa concepção por competências, inverte-se um pouco esse sentido. Há a necessidade de o professor ou da escola eleger primeiramente as competências ou, ao menos, aquelas competências fundamentais, que eles julgam fundamentais naquela formação.** Depois de escolhidas essas competências, aí então a pergunta seguinte é quais conteúdos específicos, quais conhecimentos, quais alternativas metodológicas, quais técnicas, podem me ajudar a desenvolver essas competências nos alunos? Isto é, quais conteúdos podem me ajudar a construir essas competências nos alunos?

Como isso pode ser trabalhado diante da tradicional divisão por disciplinas?

Professor: Se não é possível dissociar os conteúdos específicos de uma determinada disciplina, então **em uma perspectiva da formação por competências é interessante que ele proponha aos seus alunos situações de aprendizagem, tais que façam com que eles se deparem com problemas, - problemas no sentido de que eles não só não saibam alguma coisa, mas que tenham a necessidade de saber essa coisa.** E exija deles a aprendizagem, que eles identifiquem a necessidade da aprendizagem; que um projeto de ensino, que pode ser curto ou longo, no interior mesmo da disciplina, só possa ser concluído se adquirirem um certo conhecimento.

Quais qualidades profissionais que o professor deve ter para ajudar os alunos justamente a desenvolver essas competências?

Elio Ricardo: Uma qualidade fundamental aos professores que pensam em trabalhar na perspectiva das competências é entender um pouco melhor a relação didática que se estabelece na sala de aula. Basicamente, é uma relação que se dá entre o professor, o conjunto de alunos e um saber a ser ensinado. E dentro dessa relação simplificada esses saberes a serem ensinados são didatizados, eles tiveram uma origem e foram transformados, foram adaptados e, em alguns casos, algumas pequenas simplificações foram feitas. Então, eu julgaria fundamental que o professor que pensa na perspectiva de formação de competências tome como ponto de partida o entendimento da situação didática, o entendimento da origem dos saberes que ele se propõe a ensinar para os alunos.

Como fazer uma avaliação em uma escola orientada para o desenvolvimento de competências, como se avaliaria isso?

Elio Ricardo: Eu posso conceber a avaliação inicialmente de dois modos: uma delas é a avaliação de ordem prática, ou seja, as formações exigem que eu atribua uma nota ou um conceito para cada aluno, então, inicialmente eu tenho uma avaliação que vai me dar uma medida do aluno, do que ele aprendeu e em função disso eu atribuo a ele uma nota ou um conceito. Mas eu posso pensar também a avaliação sob um aspecto mais amplo, uma avaliação que seja contínua, que esteja presente em todo o processo e que não necessariamente se transforme numa nota ou num conceito. Que seja uma avaliação na qual eu verifique a necessidade de modificar alguma estratégia que eu havia escolhido, de avançar em algum conteúdo específico que eu inicialmente não tinha pensado que seria necessário. Então, nesse caso, a avaliação como um processo contínuo se caracteriza melhor no contexto da formação por competências, porque a competência na sua plenitude não é medida; ela é sempre uma expectativa. O que eu faço na escola é oferecer instrumentos teóricos, teórico-metodológicos aos alunos para que eles construam algumas competências eleitas e a versão identificável dessas competências é o que se chama de habilidades. Como é que eu identifico essas habilidades? Uma alternativa é variar a forma de avaliação. Se eu avalio meus alunos tão somente por meio de perguntas e respostas, então é isso que eu tenho em troca. Eu dou a eles perguntas e tenho em troca respostas que podem ser certas ou erradas. Agora, há uma ilusão nessa aprendizagem, ou pode haver uma ilusão nessa aprendizagem porque eventualmente o aluno decorou as respostas, mas não entendeu o que estava respondendo. Se eu penso numa avaliação na visão de uma formação por competências, a variação dessas alternativas de avaliação é pertinente, eventualmente um trabalho em grupo, apresentação de alguma síntese do que se aprendeu, podem ser coisas úteis, **lembrando claro que nesse caso a avaliação pode ser entendida como tão somente uma identificação da necessidade de reorientar as práticas, de modificar alguma coisa.**

REFERÊNCIA

Entrevista concedida à TV SENAI/SC por ocasião de Formação continuada, no âmbito do Programa Educação em Movimento. Ano 2010. Realizado na TV SENAI/SC.

SOBRE O ENTREVISTADO

Elio Carlos Ricardo

Graduado em Licenciatura em Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1997), especialização em Gestão Ambiental pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1999), mestrado em Educação - Ensino de Ciências pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001), doutorado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005) e Pós-Doutor pela Université Paris 7 - Denis Diderot (2008). Atualmente é Professor Associado da Universidade de São Paulo, Revisor de periódico do Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Revisor de periódico da Educação e Pesquisa (USP. Impresso), Revisor de periódico da Revista Brasileira de Ensino de Física (Online), Revisor de periódico da Alexandria (UFSC) e Revisor de periódico da Ciência & Ensino (UNICAMP). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Epistemologia. Atuando principalmente nos seguintes temas: Mecânica Analítica, história da física, transposição didática, Teoria Antropológica da Didática. Livre-Docente em Ensino de Ciências e Matemática, pela Universidade de São Paulo (2012). Professor Associado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.